

Gráfica do Senado lança suas edições no mercado

Em 1999, foi criado conselho para decidir que obras devem ser publicadas pela instituição, que, pela primeira vez, participa da Bienal do Rio; lançamentos até agora privilegiam a história oficial da política brasileira, com destaque para a biografia de Rodrigues Alves escrita por Afonso Arinos de Melo Franco

HAROLDO CERAVALLO SEREZA

Nem só de acareação vive o Senado Federal. Na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, que acaba hoje, pela primeira vez a gráfica da câmara alta do Parlamento brasileiro ficou cara-a-cara com o público numa feira de livros. O Senado tem no evento um estande onde vende suas publicações e apresenta seus mais recentes lançamentos.

O grande tema dos livros do Senado, como não poderia deixar de ser, é a política. Um dos destaques dos novos lançamentos é *Rodrigues Alves*, de Afonso Arinos de Melo Franco, que integra a coleção Biblioteca Básica Brasileira, numa biografia publicada em dois volumes (um de 552 págs., outro de 530 págs., cada um custando R\$ 20) que têm como subtítulo *Apogeu e Declínio do Presidencialismo*. Segundo o jurista Raymundo Faoro, "a biografia que Afonso Arinos dedicou a Rodrigo Alves tem a singularidade de procurar desvendar uma personalidade densa e escura, de pouca visibilidade ao olhar, ainda que discreto, do historiador". Também faz parte da Biblioteca Básica Brasileira *História das Idéias Políticas no Brasil* (384 págs., R\$ 20), de Nelson Nogueira Saldanha, obra que fora publicada inicialmente pela editora da Universidade Federal de Pernambuco, em 1968, e que conta agora com um novo posfácio do autor.

Na gráfica do Senado há espaço para textos que ajudaram a compor o acervo de fontes da historiografia brasileira. É esse o caso de *O Rio de Janeiro como É - 1824-1826* (326 págs., R\$ 20), de C. Schlichthorst, e *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* (322 págs., R\$ 20), de Daniel Parish Kidder, os dois da coleção *O Brasil Visto por Estrangeiros*.

O tenente dos granadeiros alemães Schlichthorst é um dos mercenários que serviram ao Exército brasileiro, logo após a Independência do País, recrutados por d. Pedro I. "No outono de 1824", escreve ele, "anseios extravagantes de ser feliz e de gozar a vida, desejos que não se realizaram e esperanças que se frustraram, levaram-me a uma viagem ao Brasil." Não foi bem o Paraíso que encontrou. Num dístico em português, ele concluía: "Huma (sic) vez e nunca mais!".

Kidder nasceu em 1815, em Darien, nos Estados Unidos. Convertido à religião metodista, tornou-se pastor e, em 1837, veio ao Brasil, como missionário. Ficou até 1840, quando sua mulher morreu. Já nos EUA, publicou três trabalhos relativos ao Brasil. Segundo o Senado, é a primeira vez que as *Reminiscências de Viagens e Perma-*



Rua Direita, em São Paulo, em gravura de Rugendas que ilustra o livro 'O Rio de Janeiro como É' (1824-1826), de C. Schlichthorst, editado pelo Senado Federal

nência no Brasil são publicadas em versão integral.

Conselho – A gráfica do Senado é uma velha conhecida dos brasileiros. Uma boa lembrança dela é a edição da Constituição mais popular do mercado, no formato de bolso, com a bandeira do País estilizada. Mas a presença no mercado de

ao dia-a-dia do Parlamento são publicadas.

Outra lembrança que a gráfica do Senado necessariamente evoca é o famoso mal uso de suas máquinas e empregados (nas redações, "gráfica do Senado" ainda é sinônimo de emprego bem remunerado e de pouco trabalho). No mais grave problema, o Supremo Tribunal Federal chegou a cassar o mandato do senador Humberto Lucena (PMDB-PB), que presidiu a casa pela segunda vez no biênio 1993-94, por usar a gráfica da instituição para imprimir propaganda eleitoral.

Em sua defesa, o senador Ronaldo Cunha Lima (PMDB-PB) afirmou: "Se não aceitar o recurso, o TSE vai ter de cassar quase todos os parlamenta-

res." O Parlamento acabou por aprovar uma anistia a todos os deputados e senadores que se serviram da gráfica, mostrando o quanto Cunha Lima tinha razão.

O conselho é presidido pelo senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE) desde a sua criação. Já publicou obras como *Capítulos da História Colonial*, de Capistrano de Abreu, *Rui – O Estadista da República*, de João Mangabeira, e *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco. Deve lançar em breve *O Brasil Social*, de Sílvio Romero, e *Os Sertões*, de Euclides

da Cunha.

Continuam a ser tarefas da gráfica imprimir o material produzido pelas comissões do Parlamento, inclusive os relatórios das Comissões Parlamentares de Inquérito. Também obras relativas à legislação do País são editadas pela gráfica, bem como o *Diário do Senado*.

Ou seja: a gráfica segue o modelo de uma imprensa oficial. Sua prioridade é a edição de jornais, revistas e volumes dedicados ao registro do trabalho no Senado e da legislação produzida pela casa. Além disso, procura editar obras que têm interesse cultural, mas que não necessariamente chegam a atrair a atenção das editoras comerciais.

Por enquanto, a história que os livros editados no Senado contam é bastante tradicional – por que não dizer aristocrática. Aquela feita pelos grandes nomes, pelos grandes vultos – em resumo, também oficial. Um espírito que pode ser resumido num outro de seus lançamentos: *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (dois volumes, de 478 págs. e 492 págs., por R\$ 20 cada) de S. A. Sisson, em que transitam um coleção de marqueses, viscondes e conselheiros. Ainda que tenham esse ranço ideológico, não deixam de ser edições relevantes, ainda mais quando são considerados os preços finais, relativamente bastante acessíveis.

Além de editar na forma de livros, o Senado também mantém disponível em seu site (www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm) versões eletrônicas dos livros que publica, no formato PDF, em versão gratuita. Para lê-los, é preciso instalar o programa Acrobat Reader 4.0, que pode ser obtido também gratuitamente na Internet.

Lição do campeão – O campeão de vendas do Conselho Editorial do Senado é a coletânea *Conselho aos Governantes* (842 págs., R\$ 30), que chegou à Bienal do Rio na segunda edição. Entre os textos dessa coletânea, que inclui nomes como os de Maquiavel e do Marquês de Pombal, passando por D. Pedro II e Maurício de Nassau, Erasmo de Roterdã ensina, em *A Educação de um Príncipe Cristão*: "A guerra engendra a guerra; de uma guerra pequena nasce uma maior, de uma, nascem duas."

Quem se lembra que tanto a CPI da Corrupção (que causa horror aos aliados do governo Fernando Henrique Cardoso) quanto a novela da cassação de José Roberto Arruda e Antônio Carlos Magalhães começaram com a guerra muito particular entre ACM e Jader Barbalho não pode deixar de dar razão ao pensador.

**HUMBERTO
LUCENA
CHEGOU A
SER CASSADO**

**ERASMO
LEMBRA QUE
UMA GUERRA
GERA OUTRA**